

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS – PORTUGUÊS E
LITERATURAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Cristiane Gonçalves

**ANÁLISE CRÍTICA DO GÊNERO CARTA DO LEITOR NO JORNAL
GAÚCHO ZERO HORA**

Santa Maria, RS
2017

Cristiane Gonçalves

**ANÁLISE CRÍTICA DO GÊNERO CARTA DO LEITOR NO JORNAL GAÚCHO
ZERO HORA**

Artigo de Conclusão apresentado ao Curso de Bacharelado em Letras – Português e Literaturas da Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharela em Letras**.

Aprovado em 12 de dezembro de 2017:

Francieli Matzenbacher Pinton, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Simone Soares, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

ANÁLISE CRÍTICA DO GÊNERO CARTA DO LEITOR NO JORNAL GAÚCHO ZERO HORA¹

CRITICAL ANALYSIS OF THE GENDER READER'S LETTER IN THE NEWSPAPER ZERO HORA

Cristiane Gonçalves², Francieli Matzenbacher Pinton³

RESUMO

Realizamos, neste artigo, uma análise crítica da Carta do Leitor veiculada pelo jornal gaúcho *Zero Hora*, por meio do exame detalhado de sua construção composicional, com o objetivo de verificar em que medida os movimentos e passos retóricos identificados no texto concretizam o propósito social desse gênero. Para isso, nossos referenciais teórico-metodológicos estão fundamentados na concepção sócio-histórica e dialógica da linguagem apresentada por Bakhtin (1997 e 2003), na Análise de Gênero pela perspectiva da sociorretórica (MILLER, 2009, 2012 e BAZERMAN, 2006) e na Análise Crítica de Gênero (MOTTA-ROTH, 2005). O *corpus* selecionado para análise constitui-se de 17 Cartas do Leitor publicadas na segunda quinzena do mês de agosto deste ano. Os resultados da pesquisa apontam para a existência de três movimentos retóricos nas Cartas: contextualização, opinião e fechamento. Os passos que constituem esses movimentos são: contextualização (“explicitar o tema” e “situar o leitor”); opinião (“avaliar” e “justificar o ponto de vista”); fechamento (“ênfatisar a opinião”). No segundo e terceiro movimentos das Cartas, constatamos um equilíbrio entre as avaliações positivas e negativas, o que demonstra certo controle por parte da Redação sobre as publicações (em virtude da seleção dos textos). Independentemente de qualquer intervenção, é evidente a boa conceitualização do jornal diante de sua comunidade leitora, o que se confirma em sua crescente popularidade nos últimos anos. A conclusão a que chegamos foi que o gênero textual Carta do Leitor cumpre o seu importante papel social enquanto instrumento de diálogo do periódico com a sociedade e dos integrantes desta entre si.

Palavras-chave: Análise Crítica de Gênero; Carta do Leitor; *Zero Hora*.

ABSTRACT

In this article, a study was carried out on a Reader's letter published by the newspaper *Zero Hora*, through the evaluation of its elaboration, with the objective of to verify to what extent the movements and rhetorical steps identified in the text concretize the social purpose of this genre. The theoretical and methodological references are based on the social-historical and dialogic conception presented by Bakhtin (1997 e 2003), in the Gender Analysis from the perspective of sociorhetorics (MILLER, 2009, 2012 e BAZERMAN, 2006) and Critical Gender Analysis (MOTTA-ROTH, 2005). The sample consisted of 17 Letters of the Reader published in the second half of August of this year. The results of the research point to the existence of three rhetorical movements in the letters: contextualization (explain the theme), opinion (evaluate and justify the point of view) and closure (to emphasize the opinion). In the second and third movements of the Letters there was a balance between positive and negative evaluations, which demonstrates some control by the Editorial Office on the publications (by the selection of texts). Is evident the good conceptualization of the newspaper in front of its reading community, which is confirmed in its growing popularity in recent years We conclude that the Reader's Charter has an important social role as an instrument of communication with society and among its members.

Keywords: Critical Gender Analysis; Reader's letter; *Zero Hora*.

¹ Artigo apresentado ao curso de Bacharelado em Letras - Português e Literaturas da Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Letras.

² Autora. Graduanda do Curso de Bacharelado em Letras - Português e Literaturas da Língua Portuguesa da UFSM.

³ Orientadora. Professora Adjunta no Departamento de Letras Vernáculas da UFSM.

INTRODUÇÃO

Não é novidade que os gêneros textuais fazem parte de nossas vidas e desempenham uma importante função social, auxiliando-nos na infinidade de situações comunicativas a que somos expostos diariamente. Eles surgiram a partir de nossa constante necessidade de interação/expressão nos mais diversos contextos e ambientes. Devido à sua dinamicidade, que possibilita a adaptação a múltiplas circunstâncias, o número de gêneros existentes é abundante, sendo praticamente impossível contá-los. Não obstante a sua enorme variedade, apresentam certo padrão estrutural e características relativamente definidas, os quais nos permitem identificá-los e distingui-los entre si.

Na busca por esse reconhecimento e diferenciação, muitos autores investiram no estudo acerca dos gêneros textuais, descrevendo-os e explicitando as suas peculiaridades. Neste trabalho, também optamos por analisar um gênero, elegendo especificamente a Carta do Leitor, dada a sua importância enquanto instrumento de comunicação entre leitores e o periódico que a veicula – seja uma revista ou um jornal –, bem como de interação daqueles entre si.

Durante o período inicial da pesquisa, investigamos trabalhos prévios sobre o gênero textual Carta do leitor, como o de Costa (2005), que averigua a sua finalidade, e o de Passos (2007), que descreve a sua estrutura. Constatamos, porém, que nenhum dos autores focalizaram o funcionamento das Cartas a partir de sua organização retórica. Nesse sentido, pensamos em ampliar os estudos concernentes ao gênero, por meio da realização de uma análise crítica. Para isso, selecionamos a Carta do Leitor veiculada pelo jornal gaúcho *Zero Hora*, e procedemos ao exame detalhado de sua estrutura composicional, para verificar em que medida os movimentos e passos retóricos que a constituem consolidam o propósito social do gênero.

De modo a dar conta de nosso objetivo, organizamos o trabalho em quatro seções, além desta Introdução e das Considerações Finais. Na primeira, que está dividida em duas subseções, apresentamos o aporte teórico e metodológico empregado para analisar criticamente o gênero Carta do Leitor. Na segunda seção, descrevemos os procedimentos de análise adotados. Na terceira, iniciamos a apresentação dos resultados a que chegamos em nossa pesquisa. Na quarta seção, concluimos a apresentação e fazemos a discussão a respeito desses resultados.

2 GÊNERO: CONCEITO E FUNÇÕES

Sob uma perspectiva sócio-histórica e dialógica do processo comunicativo, Bakhtin desenvolveu, no século XIX, o conceito de gênero do discurso⁴. Em sua concepção, a linguagem é produzida a partir da relação interativa entre dois indivíduos, em que um deles (locutor) produz um enunciado para o outro (interlocutor).

Para o autor citado, a enunciação é “puro produto de interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto de condições de vida de uma determinada comunidade linguística” (BAKHTIN, 1997, p. 121). Assim, todas as inúmeras áreas das atividades humanas têm relação com o emprego da língua, o qual se realiza de diversas maneiras entre os usuários, apresentando como consequência a grande multiplicidade de gêneros a que temos acesso em nosso dia-a-dia.

Conforme mencionamos anteriormente, na visão bakhtiniana, o homem usa a linguagem concretizando-a em forma de enunciados, sejam orais ou escritos, os quais são compartilhados entre os integrantes de determinado campo da atividade social. Nesse sentido, Bakhtin ([1950] 2003, p. 261) observa que

esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

O filósofo russo entende que os três elementos mencionados – tema, estilo e composição – ligam-se de modo indissolúvel na unidade enunciativa, sendo definidos pelas particularidades dessa ou daquela esfera da comunicação, como a situação específica de produção do enunciado e as escolhas feitas pelos sujeitos, por exemplo. Assim, Bakhtin ([1950] 2003, p. 262) ressalta que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”, os quais denomina gêneros do discurso.

⁴ Optamos por utilizar, neste trabalho, a terminologia *gênero textual*, conforme o faz Charles Bazerman.

Para ele, “até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero” (BAKHTIN, [1950] 2003, p. 282).

Buscando esclarecer o que entende sobre cada um dos componentes do enunciado, o autor define o conteúdo temático como aquele que expressa uma situação histórica concreta que originou a enunciação. Portanto, não são apenas as formas linguísticas integrantes da composição que o determinam, mas também os elementos extra verbais da situação. O estilo, por sua vez, na teoria bakhtiniana, é visto como um elemento “indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso” (BAKHTIN, [1950] 2003, p. 265); assim, pode-se defini-lo pela interação dialógica entre duas ou mais pessoas. A estrutura composicional, finalmente, é entendida por Bakhtin como um formato padrão que a sociedade segue em uma construção discursiva. Isso significa que existe uma organização linguística e textual pré-estabelecida/convencionada para cada gênero do discurso.

Diante do exposto, podemos afirmar que a teoria bakhtiniana, quando assume os enunciados como formas típicas e históricas dos gêneros discursivos, além de conceber três dimensões constitutivas também para estes, atribui a ambos o mesmo caráter (social, discursivo e dialógico). Nessa perspectiva, uma das principais contribuições dos estudos de Bakhtin acerca dos gêneros foi, certamente, o reconhecimento de sua natureza social. A partir de suas reflexões, durante o século XX e o início do século XXI, diversas proposições teóricas surgiram, dentre elas a de Carolyn Miller que, sob uma visão sociorretórica, foi a primeira a tomar o gênero como uma forma de ação social.

Para Miller (2009 [1984]), os gêneros constituem “ações retóricas tipificadas”, ou seja, são maneiras caracterizadas de agir em circunstâncias que se repetem num determinado contexto de cultura. Em sua concepção, ainda, “um gênero é um meio retórico para a mediação das intenções privadas e da exigência social; ele é o motivador ao ligar o privado com o público, o singular com o recorrente” (MILLER, 2009 [1984], p. 41). A autora também concebe outro importante conceito, o de comunidade retórica, entendendo-a como a base cultural dos gêneros, e afirmando que esses “[...] servem como chaves para a compreensão de como participar nas ações de uma comunidade” (MILLER, 2009 [1984], p. 44).

Em um ensaio posterior, Miller desenvolve o conceito de comunidade retórica e passa a compreender o gênero como “o aspecto da comunicação situada capaz

de reprodução, que pode se manifestar em mais de uma situação, em mais de um espaço-tempo concreto” (MILLER, 2012, p. 50). Nesse caso, a pesquisadora também vê o gênero como “[...] um *constituente* específico e importante da sociedade, um aspecto principal de sua estrutura comunicativa, uma das estruturas de poder que as instituições exercem” (MILLER, 2012, p. 49).

As considerações de Miller dialogam com o pensamento de outros pesquisadores, como o americano Charles Bazerman, que destaca, em seus estudos, os conceitos de fato social, ato de fala, gênero, conjunto e sistema de gênero e sistema de atividade. Em sua compreensão, “esses conceitos sugerem como as pessoas criam novas realidades de significação, relações e conhecimento, fazendo uso de textos” (BAZERMAN, 2006, p. 19). Dessa forma, Bazerman (2006, p. 22) define os fatos sociais como

[...] ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou atos de fala. Esses atos são realizados através de formas textuais padronizadas, típicas e, portanto, inteligíveis, ou gêneros, que estão relacionadas a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas. Juntos, os vários tipos de textos se acomodam em conjuntos de gêneros dentro de sistemas de gêneros, os quais fazem parte dos sistemas de atividades humanas.

Ou, ainda, como “[...] as coisas que as pessoas acreditam que sejam verdadeiras e, assim, afetam o modo como elas definem uma situação” (BAZERMAN, 2006, p. 23). Segundo o autor, diversos fatos sociais dependem de atos de fala, os quais foram classificados em três níveis na teoria inicialmente formulada por John L. Austin e mais tarde aprimorada por J.R. Searle: locucionários, ilocucionários e perlocucionários. Esses significam, respectivamente, o que é dito de modo literal, o ato que se pretende que seja reconhecido pelo ouvinte e o efeito real que lhe é causado.

Nesse sentido, Bazerman (2006, p. 29), sugere uma maneira de coordenarmos melhor nossos atos de fala uns com os outros: devemos dar preferência ao uso de enunciados familiares e/ou reconhecíveis, isto é, devemos agir de um modo típico, “modos facilmente reconhecidos como realizadores de determinados atos em determinadas circunstâncias”. Esses “padrões comunicativos” ou “formas tipificadas” são nomeados pelo autor como gêneros.

A partir do exposto, é possível perceber que o teórico americano compreende os gêneros como “fenômenos de reconhecimento psicossocial”, os quais integram

os processos de atividades socialmente organizadas. Assim, Bazerman (2006, p. 31), define os gêneros como

[...] tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos.

Nessa perspectiva, são desenvolvidos os conceitos de conjunto de gêneros; sistema de gêneros e sistema de atividades, em busca da caracterização da configuração dos gêneros e do seu enquadramento “em organizações, papéis e atividades mais amplas”. Para o autor, um conjunto de gêneros é “a coleção de tipos de textos que uma pessoa num determinado papel tende a produzir” (BAZERMAN, 2006, p. 32). Um Engenheiro Civil, por exemplo, “[...] precisa escrever propostas, ordens de serviços, relatórios de andamento das obras, relatórios de teste de qualidade, avaliações de segurança e um número limitado de outros documentos similares” (BAZERMAN, 2006, p. 32). Um sistema de gêneros, por sua vez,

compreende os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de uma forma organizada, e também as relações padronizadas que se estabelecem na produção, circulação e uso desses documentos (BAZERMAN, 2006, p. 32)

Finalmente, o linguista entende que o sistema de atividades engloba o sistema de gêneros e nos auxilia a pensar no que fazemos e de que forma os textos nos ajudam a fazê-lo, ao invés de os enxergarmos como finitos em si.

Após apresentar e discutir todos esses conceitos, Bazerman (2006) recomenda uma série de diretrizes metodológicas que facilitam o estudo e a análise textual de gêneros. Na subseção que segue, trazemos suas orientações, pois elas contribuirão nos procedimentos metodológicos de nossa investigação.

2.1 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE DE GÊNERO

Na visão de Bazerman (2006), alguns obstáculos e problemas podem surgir quando tentamos identificar e analisar os gêneros, por isso ele elabora diferentes

abordagens, as quais “vão além da catalogação de seus elementos característicos que nós já reconhecemos” (BAZERMAN, 2006, p. 40):

1. Enquadre seus propósitos e questões para delimitar o seu foco. Como em qualquer tipo de pesquisa e análise, a primeira e mais importante tarefa é saber por que você está envolvido neste empreendimento e que perguntas espera responder com ele.
2. Defina o seu *corpus*. Uma vez que você saiba o que está procurando e por quê, a próxima tarefa é identificar os textos ou coleções específicas que você quer examinar, fazendo com que eles sejam extensos o suficiente para muni-lo com evidências substanciais para fazer afirmações, mas não tão amplos a ponto de fugirem do seu controle.
3. Selecione e aplique suas ferramentas analíticas. Baseado nos objetivos de sua investigação, você precisa selecionar ferramentas analíticas apropriadas para examinar as consistências e variações das características, funções ou relações em toda a coleção. (BAZERMAN, 2006, p. 44-45)

Da mesma forma que Bazerman, Motta-Roth (2005) também apresenta algumas sugestões de procedimentos para análise de gêneros. A autora volta-se para a possibilidade de esse exame ser realizado a partir do foco na relação dialética entre texto e contexto, seguindo a mesma linha de pensamento discutida até agora. Podemos conferir a sua proposta no Quadro 1.

Quadro 1 – Procedimentos investigativos orientados para o texto e para o contexto

(continua)

A. Procedimento com foco no Texto	B. Procedimento com foco no Contexto
0. Entrevistar membros da comunidade relevante sobre suas práticas discursivas para confirmar procedimentos e interpretações, de modo a abrir novas perspectivas.	
1a) Identificar o texto, a linguagem que se quer estudar.	1b) Identificar o problema, o contexto social, a atividade ou interação humana que se quer estudar.
2a) Identificar que problema ou contexto social, está associado àquela linguagem, que atividade ou interação humana a linguagem medeia.	2b) Identificar que textos estão associados ao problema, que linguagem perpassa esse contexto social e medeia essa atividade ou interação humana que se quer estudar.
3) Situar o gênero em um contexto de situação e no contexto da instituição/de cultura para perceber sua função.	
4) Revisar a literatura em busca de pesquisa prévia sobre o assunto.	
5) Selecionar um <i>corpus</i> representativo dos textos e do contexto de situação.	
6) Tentar identificar, em exemplares do gênero, padrões ou tendências de estrutura, de elementos linguísticos, de conteúdo ideacional, de discurso, etc.	

Quadro 1 – Procedimentos investigativos orientados para o texto e para o contexto

(continuação)

7a) Análise dos textos do <i>corpus</i> para determinar sua organização geral e identificar padrões retóricos. A literatura sobre questões relacionadas ajuda a estabelecer um esquema classificatório.	7b) Refinar a análise contextual para identificar traços dos contextos de situação e de cultura.
8) Selecionar um ou mais níveis de análise que melhor dão conta da questão de pesquisa.	
9a) Identificar os estágios do texto, os movimentos retóricos, “o que nos diz o texto”.	9b) Estudar o contexto institucional no qual o gênero existe e como o gênero diz “o que se vive o contexto”.
10a) Usar programas de tratamento de dados de texto para localizar metadiscurso que sinalize características da disciplina (por exemplo, jargão, siglas, palavras ou expressões muito repetidas e práticas de citação que refletem o ethos disciplinar) e estratégias persuasivas para defender o valor e a novidade das afirmações.	10b) Comparar nossa interpretação com aquela de outros analistas ou membros da disciplina.

Fonte: Motta-Roth (2005, p. 192-193)

Pensando em facilitar a investigação por meio da exploração texto e contexto, Motta-Roth (2005) lista alguns questionamentos em que o pesquisador, quando da realização do estudo de gêneros, pode se fundamentar. Embora reconheça a relação dialética entre as práticas sociais e as discursivas, a autora as separa em dois quadros. No Quadro 2, as questões apresentadas concentram o foco da pesquisa nas práticas sociais (contexto).

Quadro 2 – Perguntas acerca do papel do gênero naquele contexto

1. Qual a relevância do gênero para o contexto? Ele ajuda a definir esse contexto? Como?
2. Com que frequência as pessoas se engajam nesse gênero para interagir socialmente?
3. O que se realiza por meio do texto? Que valores/ideias são propostos? Quem escreve/fala para quem?
4. Que papéis são desempenhados pelos participantes dessa interação?
5. Qual(is) o(s) objetivo(s) dos participantes dessa interação, i.e. por que leem ou escrevem?
6. Que resultados ou efeitos são pretendidos/causados?
7. Como a comunidade influencia ou controla os parâmetros desse gênero? Quão ritualizado é o gênero?
8. Como é distribuído o acesso ao gênero e os papéis dos participantes? Quem decide? Por quê?
9. Há diferenciação clara entre os que sempre produzem o texto e os que o consomem? Existe um contraste entre participantes mais e menos experientes no gênero?
10. Como se aprende a participar desse gênero? Quanto tempo/esforço se gasta para se tornar um participante desse gênero?
11. Quais são as características de uma interação bem-sucedida nesse contexto?

Fonte: Motta-Roth (2005, p. 194)

Quando se investiga linguagem como gênero, a relação dialética entre texto e contexto se evidencia, de tal sorte que a interpretação do texto (linguagem) depende da compreensão das condições do contexto (sociedade) e vice-versa – afinal, uma e outra dimensões se constituem mutuamente (FAIRCLOUGH, 1989, apud MOTTA-ROTH, 2005). Com esse pensamento, a autora elabora o Quadro 3, no qual apresenta questões que concentram o foco da pesquisa nas práticas discursivas (texto).

Quadro 3 – Perguntas acerca do conteúdo e organização do texto

1. Qual é a extensão? Como é dividido? As tomadas de turno se alternam?
2. Que tipo de informação é normalmente encontrada? Qual é a informação central?
3. Que estágios textuais são frequentemente encontrados?
4. Que modalidade(s) retórica(s) é(são) mais característica(s) do gênero: narração, avaliação, descrição, etc.?
5. É possível identificar padrões de escolhas léxico-gramaticais, i.e. processos, participantes e circunstâncias?
6. A que campo semântico o texto remete?
7. Qual é o tom/registro de linguagem? Qual é o grau de polidez? Há mais ou menos modalização/ênfase?
8. Que recursos de metadiscurso são usados?
9. Como é a <i>persona</i> do narrador? Há dialogismo explicitamente sinalizado?
10. Que texto pode ser considerado como mais representativo do contexto, i.e. do que está acontecendo?

Fonte: Motta-Roth (2005, p. 194-195)

No trabalho em questão, Motta-Roth concebe os gêneros como fenômenos estruturadores da cultura, “como atividades culturalmente pertinentes, mediadas pela linguagem num dado contexto de situação, atravessado por discursos de ordens diversas” (MOTTA-ROTH, 2005, p. 181). Sua metodologia de análise considera fatores de ordem social e individual, de modo a valorizar a cultura que produz o texto. A autora acredita que as respostas dadas às perguntas indicadas “deverão contribuir para a elaboração de uma ideia mais sistematizada e acurada das práticas discursivas associadas a práticas sociais específicas” (MOTTA-ROTH, 2005, p. 195).

As sugestões de Motta-Roth, igualmente às de Bazerman, servirão como aporte metodológico de nosso estudo, cujo objeto de análise crítica é o gênero textual Carta do Leitor, sobre o qual discorreremos na próxima subseção.

2.2 A CARTA DO LEITOR

Ao longo da história, a carta tem sido utilizada como uma forma de diminuir a distância entre os homens, constituindo um meio de comunicação para propósitos diversos, seja para agradecer, cobrar, reclamar, para fazer propaganda ou prestar informações, por exemplo. Esse gênero, conforme Paiva (2004), nasceu na Grécia antiga, sendo inicialmente usado para assuntos de cunho político, administrativo e militar, posteriormente para mensagens privadas e, aos poucos, para fins variados como religião, documentação, registro de histórias familiares, etc.

Em virtude da maleabilidade, dinamicidade e plasticidade dos gêneros, que se adaptam às necessidades e atividades socioculturais, bem como às inovações tecnológicas, conforme expõe Marcuschi (2007), pode-se dizer que o gênero carta evoluiu e originou outros, como a carta de amor, a carta familiar, a carta íntima, a carta oficial, a carta aberta, a carta comercial, dentre outras. Entretanto, de acordo com o referido autor, os novos gêneros que surgem não constituem inovações absolutas, antes seriam, nas palavras de Bakhtin (1997), “transmutações” de gêneros já existentes.

Neste trabalho, o objeto de análise é uma carta específica – a Carta do Leitor, gênero inserido no contexto jornalístico, difundido por meios de comunicação escrita, em seções pré-determinadas de periódicos (revistas e/ou jornais). Sua escolha se justifica visto que cumpre “importante função social na medida em que possibilita o intercâmbio de informações, ideias, opiniões entre diferentes pessoas de um determinado grupo” (PASSOS, 2007, p. 81). Além disso, é um gênero que possibilita, especialmente, a interação dos leitores com o veículo de comunicação.

Segundo o próprio nome evidencia, a Carta do Leitor é produzida por leitores, designadamente os que leem periódicos. Dependendo da linha editorial do veículo de comunicação e da demanda de seu público-alvo, os autores das Cartas escrevem com finalidades diversas, dentre elas – talvez a principal –, interagir com um artigo ou reportagem anteriormente publicados (elogiando-os ou criticando-os). Na visão de Costa (2005, p. 28),

as cartas de leitores transformaram-se no termômetro que afere o grau de sucesso dos artigos publicados nos jornais, pois os leitores escrevem reagindo, positiva ou negativamente, ao que leram. Elas propiciam ainda

que leitores interajam com o jornal dando a este uma ideia das expectativas daqueles em relação à linha editorial.

Entretanto, a partir do que registra Passos (2007), podemos entender que a Carta do Leitor não é escrita por apenas um sujeito. Conforme a autora, quando o texto é enviado à Redação, apresenta uma estrutura muito próxima do gênero carta, sendo transformado⁵ antes da publicação. Esta, inclusive, nem sempre se efetiva, pois depende da decisão do editor. Sobre essa intervenção na Carta do Leitor, Melo (1999 apud PASSOS, 2007, p. 84) afirma que as modificações pelas quais o texto original passa chegam ao nível da reformulação do que foi dito pelo autor, mostrando o poder que o jornal/revista tem sobre o diálogo entre os leitores.

A influência sobre a constituição dos gêneros apresenta relação também com o suporte, visto que o texto precisa estar adaptado ao formato específico do meio físico ou virtual que o difunde. Acerca disso, Marcuschi (2008, p. 174) esclarece que “[...] o suporte não é neutro, e o gênero não fica indiferente a ele. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado”. Bezerra (2007, p. 211), a esse respeito, afirma que “por razões de espaço físico da seção ou por direcionamento argumentativo (em prol da revista/jornal)” as cartas “podem ser resumidas, parafraseadas ou ter informações eliminadas”.

Devido à necessidade de ajustar-se ao suporte e, ainda, ao fato de precisar atender às exigências da sociedade atual, a Carta do Leitor apresenta um texto curto, o que é sinônimo de agilidade na leitura. Além disso, é um gênero que apresenta estilo simples e formal, com uma linguagem acessível à comunidade leitora do jornal/revista. Esse público-alvo constitui um destinatário desconhecido, visto que não há familiaridade entre quem escreve e quem lê. Por essa razão, de acordo com Passos (2007), o remetente lança mão de recursos estratégicos para que o leitor tenha a impressão de estarem próximos um do outro.

Quanto ao modo de organização do texto, segundo Costa e Fuzer (2012, p. 6), “predomina o dissertativo-argumentativo, podendo também conter passagens narrativas, descritivas, injuntivas e expositivas”. A extensão da Carta do Leitor, segundo esses autores, geralmente é limitada pelo editor, como ocorre com as cartas enviadas ao jornal *Zero Hora* (objetos deste estudo), que têm um número

⁵ Esclarecemos que ao nosso trabalho interessa apenas o formato último, já editado pelo jornal/revista.

máximo de caracteres permitido. Na próxima seção, descrevemos os procedimentos metodológicos que adotamos em nossa pesquisa para a análise desse gênero.

3 METODOLOGIA

O universo de análise desta investigação é o jornal gaúcho *Zero Hora*, em específico a seção intitulada “Leitor”, que é subdivida em três partes: a “Foto do leitor”, o(s) “Comentário(s)” e “Sobre ZH”. O foco de nosso trabalho está no conteúdo da terceira parte. O *corpus* está constituído por 17 textos (Anexo 1), os quais foram coletados na segunda quinzena do mês de agosto de 2017, conforme exhibe o Quadro 4.

Quadro 4 – Constituição do *corpus*

Número	Data	Autor	Credencial	Local
C#1	14 ago. 2017	Luís Sérgio M. Lucas	Microempresário	Porto Alegre/RS
C#2	14 ago. 2017	Maria Lurdes Derenji	Aposentada	Canoas/RS
C#3	14 ago. 2017	Lúcia Tostes Mottin	Dentista	Porto Alegre/RS
C#4	14 ago. 2017	Carol Majewski	Advogada	Porto Alegre/RS
C#5	15 ago. 2017	Paulo Aronna	Repres. Comercial	Capão da Canoa/RS
C#6	15 ago. 2017	Heloisa dos Reis	Dona de casa	Porto Alegre/RS
C#7	26 e 27 ago. 2017	Assis Vieira	Jornalista	Montenegro/RS
C#8	26 e 27 ago. 2017	Paulo Sérgio Arisi	Jornalista	Porto Alegre/RS
C#9	26 e 27 ago. 2017	José Airtón A. Muñoz	Aposentado	Alegrete/RS
C#10	26 e 27 ago. 2017	Jaime Pacheco Alves	Aposentado	Osório/RS
C#11	28 ago. 2017	Ângela Candelot	Empresária	Porto Alegre/RS
C#12	28 ago. 2017	Irene de Marco Ferreira	Professora	Rio Grande/RS
C#13	28 ago. 2017	Luís Felipe Tavares	Engenheiro	Porto Alegre/RS
C#14	28 ago. 2017	Paulo Roberto Chedid	Servidor Público	Porto Alegre/RS
C#15	29 ago. 2017	José Miguel Bittencourt	Técnico Industrial	Viamão/RS
C#16	30 ago. 2017	Roberto M. Coelho	Repres. Comercial	Porto Alegre/RS
C#17	30 ago. 2017	Jórgia Carbonera	Advogada	Porto Alegre/RS

Fonte: Produção própria

No período inicial de nosso trabalho, seguimos as diretrizes de Bazerman (2006); posteriormente, ao fazer a apreciação dos dados contextuais, tomamos por base os procedimentos sugeridos por Motta-Roth (2005) para Análise Crítica de Gênero, conforme os três Quadros da autora apresentados na Seção 2.1.

De acordo com Motta-Roth (2005, p. 193) “todos os passos enumerados têm ordem opcional e provavelmente a pesquisa os articulará repetidas vezes de acordo com as necessidades evidenciadas pelo contexto e pelos textos estudados”. Isso significa que as etapas devem ser adequadas a cada situação particular de investigação e aos textos em apreciação, não sendo necessário, segundo Pinton (2012), o pesquisador seguir uma ordem rigorosa, podendo executá-las de diversas formas.

Ainda, durante a etapa de análise textual-discursiva, consideramos a teoria da organização retórica desenvolvida por Swales (1990, 2004), em que são considerados os papéis que os textos desempenham em determinados contextos. Nesse estudo, busca-se elucidar a forma como a organização textual revela aspectos da situação comunicativa à qual o texto está ligado. As categorias de análise são os movimentos e os passos retóricos⁶.

Como primeiro procedimento, então, realizamos uma análise contextual do gênero, por meio de uma pesquisa documental a respeito do jornal *Zero Hora*, que o veicula. Nosso intuito, nesse período, era encontrar dados indicativos da produção, circulação e distribuição do suporte mencionado. As informações foram coletadas de dois sites do Grupo RBS. Em um segundo momento do trabalho, passamos à análise da seção Leitor, observando como é apresentado o seu conteúdo no referido periódico. Constatamos a sua subdivisão em três partes, e concluímos que apenas uma delas, intitulada “Sobre ZH”, teria relevância para a nossa pesquisa, pois, se comparada às outras, é a que agrega maior número de características potenciais – sobretudo na composição – do gênero textual em discussão. Por essa razão, consideramos apenas “Sobre ZH” como a Carta do Leitor propriamente dita.

Assim, a etapa subsequente foi a análise textual-discursiva da seção “Sobre ZH”, a partir do mapeamento da organização retórica dos textos, em termos de movimentos e passos, e da identificação das marcas linguísticas empregadas pelos autores. Como último procedimento, verificamos a recorrência dessa estrutura composicional nas Cartas, relacionando-a com a descrição do gênero anteriormente realizada, para compreender em que medida se concretiza o propósito social deste no texto.

⁶ Swales (2004 apud PINTON, 2012, p. 30) entende o Movimento como uma unidade discursiva ou retórica que desempenha uma função comunicativa. Os Passos, para o autor, seriam unidades menores, elementos constitutivos da informação apresentada no Movimento.

Na seção seguinte, iniciamos a apresentação e discussão dos resultados de nossa análise.

4 ANÁLISE CONTEXTUAL DO GÊNERO CARTA DO LEITOR

O jornal *Zero Hora*⁷, um dos veículos de comunicação que difunde o gênero de interesse para esta pesquisa, circula diariamente no Estado do Rio Grande do Sul e em alguns municípios de Santa Catarina, em meio físico e virtual. Há alguns anos, está presente também nas redes sociais (Twitter, Facebook, Instagram e Google +). Fundado em 1964, com edição na cidade de Porto Alegre, pelo Grupo RBS, o jornal é composto por doze cadernos, conta com mais de duzentos jornalistas, uma filial em Brasília e mais de cem colunistas.

A escolha desse periódico em particular ocorreu devido à sua considerável representatividade, não só em nosso estado, mas também no país. Integrante da lista dos cinco maiores do Brasil, o jornal *Zero Hora*, de acordo com publicação do portal Meio&Mensagem⁸, foi o único a registrar crescimento na circulação em janeiro de 2016, se comparado ao mesmo período do ano anterior (passou de 197.322 para 200.707 exemplares diários). Já em janeiro de 2017, segundo o relatório do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), a média de exemplares⁹ foi de 205.894 ao dia, o que evidencia um crescimento contínuo do jornal do Grupo RBS.

A seção Leitor, que acompanha a publicação diária do jornal, é editada pela jornalista Ana Karina Giacomelli, a qual recebe os originais enviados pelos leitores através do endereço eletrônico leitor@zerohora.com.br. Nessa seção, há uma nota da equipe editorial explicando sobre o limite máximo de caracteres aceito para os textos, que é de 700, e sobre a exigência do envio de alguns dados do autor, como nome, profissão, endereço e telefone. Além disso, também consta o esclarecimento de que a Redação se reserva o direito de selecionar as cartas a serem publicadas e de resumi-las, caso necessário.

Conforme mencionado anteriormente, três partes compõem a seção Leitor no jornal *Zero Hora*: a “Foto do leitor”, o(s) “Comentário(s)” e “Sobre ZH”. Na primeira

⁷ As informações acerca do jornal *Zero Hora* apresentadas nesta seção foram retiradas dos sites <http://www.gruporbs.com.br> e <http://comercial.gruporbs.com.br/veiculos/zero-hora>

⁸ Site especializado em mídia. Link para acesso à publicação mencionada: www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/02/20/circulacao-media-dos-grandes-jornais-cai-em-2016.html

⁹ Os dados do IVC referem-se à totalidade da circulação de cada título, não fazendo discriminação entre exemplares impressos e digitais.

parte, consta uma fotografia enviada por leitores do periódico, a qual normalmente registra uma bela cena/paisagem ou algum ponto turístico dos municípios gaúchos, conforme exemplo da Figura 1.

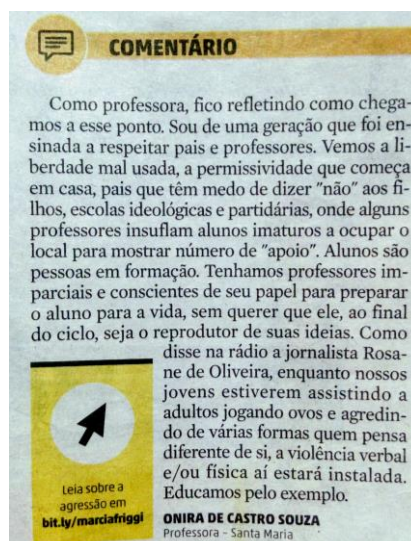
Figura 1 – Foto do leitor



Fonte: Seção Leitor, Jornal *Zero Hora*, 15/08/2017

Na segunda parte, são apresentados comentários de leitores – cujo teor costuma ser negativo –, acerca de temas relevantes do cotidiano/atualidade, sejam estes da esfera social, política, econômica, etc. Percebemos, em uma das dezessete Cartas analisadas, que o assunto do comentário guardava relação com uma reportagem publicada anteriormente no jornal. Nesse caso, como podemos observar na Figura 2, ao lado do comentário havia um ícone de uma seta e um link de acesso à versão online da publicação, para permitir ao leitor o entendimento da referência do texto.

Figura 2 – Comentário(s)



Fonte: Seção Leitor, Jornal *Zero Hora*, 26 e 27/08/2017

Na terceira parte, de forma semelhante ao que ocorre no(s) “Comentário(s)”, são expostos textos escritos por leitores do jornal *Zero Hora*. Também em “Sobre ZH” aparecem os ícones de setas e os links de acesso à versão online das publicações cujo conteúdo motivou o leitor a escrever (Figura 3). Contudo, a recorrência desses elementos na terceira parte é mais expressiva, visto que figuram em oito das dezessete Cartas do *corpus*. Isso porque o objetivo primeiro de seus autores, ao contrário do que acontece na segunda parte, é interagir diretamente com o veículo de comunicação. Em “Sobre ZH”, os leitores sempre se referem aos componentes do periódico, apresentando a sua opinião por meio de uma avaliação positiva ou negativa. O foco pode estar nos cadernos, nas colunas, nas reportagens, nos artigos e crônicas ou, ainda, nos próprios jornalistas/escritores.

Figura 3 – Sobre ZH



Fonte: Seção Leitor, Jornal *Zero Hora*, 29/08/2017

Conforme já mencionado, resolvemos considerar, dentre as três partes que compõem a seção Leitor do jornal *Zero Hora*, apenas a “Sobre ZH” como a Carta do Leitor em si, em virtude de sua estrutura ser a mais condizente com o que descrevemos anteriormente sobre o gênero. Portanto, é preciso esclarecer que, de agora em diante, sempre que fizermos menção à Carta do Leitor estaremos nos referindo à seção “Sobre ZH”.

5 ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DA CARTA DO LEITOR

Assim como ocorre com todos os gêneros, a Carta do Leitor também é escrita obedecendo a uma estrutura esquemática, a qual materializa o seu propósito comunicativo. Essa organização se dá por meio dos chamados movimentos retóricos, que são constituídos por determinados passos. Em nossa análise textual-discursiva, constatamos que as Cartas do Leitor do jornal *Zero Hora* apresentam, em geral, três movimentos retóricos: contextualização, opinião e fechamento. Eles aparecem em todos os textos, mas não seguem necessariamente essa mesma sequência. O Quadro 5 mostra a estrutura esquemática da Carta, com os movimentos e passos retóricos que a constituem:

Quadro 5 – Movimentos e passos retóricos da Carta do Leitor no jornal *Zero Hora*

Movimentos	Passos
M1 Contextualização	1A Explicitar o tema e 1B Situar o leitor
M2 Opinião	2A Avaliar e 2B Justificar o ponto de vista
M3 Fechamento	3A Enfatizar a opinião

Fonte: Produção própria

O primeiro movimento retórico (contextualização) é constituído por dois passos (os quais também não obedecem à mesma ordem nas Cartas): o autor explicita o tema sobre o qual vai opinar (Passo 1), seja ele um artigo, uma crônica ou coluna, uma notícia/reportagem ou mesmo um jornalista/escritor, e situa o leitor (Passo 2), identificando a data/edição em que foi veiculado. Por vezes, também menciona a sua localização no jornal (na capa ou contracapa, em um caderno ou coluna específica, quando for o caso). Nos exemplos a seguir, apresentamos fragmentos que corroboram o movimento de contextualização, com os dois passos em destaque.

Exemplo 1:

C#1

Sobre os artigos que abordam o tema “Bandidolatria” (Passo 1) (ZH, 12 e 13/08) (Passo 2), [...].

Exemplo 2:

C#5

Sobre a reportagem do transporte estagnado (*Passo 1*) (ZH, 12 e 13/08) (*Passo 2*), [...].

Exemplo 3:

C#13

Sobre a crônica “O caráter que se revela na confissão” (*Passo 1*) (ZH, 26 e 27/08) (*Passo 2*), [...].

Com base nesses exemplos, podemos perceber marcadores de assunto (“Sobre”) como marca linguística recorrente no movimento de contextualização, a qual permite identificar o Passo 1 (explicitar o tema). Já o Passo 2 (situar o leitor) é normalmente marcado pela designação do jornal e pela apresentação da data em que foi publicada a Carta, ou, em outros exemplos, por marcadores de lugar (*no caderno X, na coluna y, em tal reportagem*) e/ou de posse (*do escritor x, da coluna y, de autor fulano*).

No segundo movimento retórico (opinião), o leitor/autor da Carta expõe sua apreciação acerca do tema referido, fazendo uma avaliação positiva ou negativa (*Passo 1*) e justificando o seu ponto de vista (*Passo 2*). Podemos observar a realização do movimento de opinião nos exemplos abaixo, onde os dois passos aparecem destacados:

Exemplo 4:

C#2

Genial (*Passo 1*) a crônica [...]. É de ler dando risada (*Passo 1*). Carpinejar é fantástico (*Passos 1 e 2*). De sapatos até alfinetes, consegue escrever crônicas incríveis (*Passos 1 e 2*).

Exemplo 5:

C#7

[...] Uma amostra inequívoca de que a estupidez humana não tem limites. (*Passo 1*) Estou convicto de que o ser humano foi uma coisa que deu errado na criação. Como disse a atriz francesa, Brigitte Bardot: “O homem é um animal, mas nem os animais se comportam como ele” [...] (*Passo 2*)

Exemplo 6:

C#17

Quero elogiar (*Passo 1*) o texto [...]. Achei muito pertinente acerca do momento político do país e da valorização de nossa produção artística (*Passos 1 e 2*).

Nesse movimento, identificamos o recorrente emprego da primeira pessoa do discurso, que demarca a personalidade da avaliação que é realizada neste contexto. No Passo 1 (avaliar), a aprovação ou a reprovação do tema/fato pelo escritor está sinalizada no uso de palavras e/ou expressões avaliativas, como adjetivos (genial,

fantástico, incríveis, pertinente) e verbos (achei, elogiar, dando risada, consegue escrever). Em outras Cartas, aparecem os adjetivos “bonita”, “boa”, “falsos”, “enriquecedor”, “infeliz”, “caótico”, “emocionante” e os verbos “parabenizar”, “aplaudir”, “matando”, “ofender”, etc. No Passo 2 (justificar o ponto de vista), para fazer a justificativa o autor se utiliza, por vezes, de alguns argumentos, como exemplificações. Faz-se interessante sinalizar que a relação lógico-semântica, normalmente, não está explicitada pelo emprego de operadores argumentativos.

O terceiro movimento (fechamento) é constituído por apenas um passo, em que o produtor enfatiza a posição assumida diante do tema. Para isso ele recorre, normalmente, a uma frase que sintetiza a sua avaliação. Podemos observar o passo único do movimento de fechamento nos exemplos a seguir.

Exemplo 7:

C#8

[...] E os valores éticos também estão fora de circulação (*Passo 1*).

Exemplo 8:

C#3

[...] A vida é construção, não vem pronta. (*Passo 1*)

Exemplo 9:

C#2

[...] Parabéns e todo o sucesso do mundo ao colunista. (*Passo 1*)

Conforme podemos constatar nos fragmentos, o Passo 1 é marcado por verbos predominantemente no presente (estão, é, vem) e substantivos (valores, construção, sucesso, circulação). Em outras Cartas, verificamos, também, a presença de vários adjetivos (vergonhoso, lamentável, acessível, dependente, grande, incondicional, breve), que reforçam a avaliação realizada nas etapas anteriores, evidenciando a certeza do autor do texto com relação à sua opinião.

Para explicitar a estrutura composicional do gênero em análise, apresentamos, no Exemplo 10, a organização retórica da Carta do Leitor número 12. Nela podemos identificar os três movimentos retóricos, com os seus respectivos passos entre parênteses. Destacamos, em vermelho, o movimento de contextualização (M1); em verde, o movimento de opinião (M2) e, em azul, o movimento de fechamento (M3). Salientamos que a ordem de apresentação dos movimentos neste exemplar não é linear, o que revela, em certa medida, o conhecimento do produtor em relação ao gênero.

Exemplo 10:

C#12: 28/08/2017 – Irene de Marco Ferreira (Professora – Rio Grande)

M2→ É maravilhoso poder ler (Passo 2A) M1→ no jornal (Passo 1B) M1→ a análise que Guto Leite faz da música *Tua Cantiga*, de Chico Buarque (Passo 1A) M1→ (ZH, 26 e 27/08). (Passo 1B) M2→ Como recentemente graduada em Letras Português/Inglês e atual estudante no curso de pós-graduação em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Rio Grande, só tenho a agradecer pela publicação desse texto enriquecedor. (Passo 2B) M3→ A análise apresentada, de forma breve e acessível, para mim, uma fã incondicional de Chico Buarque, alimenta o deslumbramento com relação ao poder que o conhecimento da língua confere ao ser humano. (Passo 3A)

A partir da identificação dos movimentos retóricos descritos, conseguimos delinear o objetivo principal da Carta do Leitor do jornal *Zero Hora*: a interação entre esse e o seu público leitor, o qual escreve à redação do periódico para demonstrar o seu contentamento ou insatisfação com o que está sendo veiculado e/ou com a forma como se veicula. Isso confirma a teoria de Costa (2005), de que a Carta do Leitor serviria como uma espécie de termômetro, para aferir o grau de aceitação do jornal por parte da comunidade leitora. Além disso, em virtude de a circulação ser pública, o leitor consegue interagir também com os outros leitores, com a sociedade em geral, que lê a Carta e possui igualmente o direito de reação, podendo concordar com a opinião exposta ou discordar dela.

Nesse sentido, constatamos que existe equilíbrio entre as opiniões com avaliação positiva e as opiniões com avaliação negativa, o que evidencia certo controle por parte da equipe editorial, que seleciona os textos a serem publicados de acordo com o seu interesse, corroborando o que expusemos na Seção 2.1 deste trabalho. Diante disso, averiguando quais temas recebiam um ou outro tipo de avaliação, nos deparamos com o seguinte: as Cartas que expõem críticas ou reprovações normalmente citam notícias/reportagens sobre assuntos “externos” ao jornal, ligados à realidade, como questões políticas (corrupção) ou econômicas (aumento de impostos, privatização de estatais), a problemas sociais (falta de acesso à educação e ao saneamento básico), entre outros. As Cartas com aprovação e elogios, por sua vez, tratam dos componentes do periódico (artigos, reportagens, colunas, entre outros) que expõem assuntos leves e de leitura prazerosa. Entretanto, percebemos a predominância de aceitação dos leitores quando se trata especificamente dos responsáveis por esse tipo de publicação (colunistas, escritores). Nos exemplos abaixo, apresentamos fragmentos que

explicitam as temáticas das Cartas com avaliações positivas e negativas, respectivamente:

Exemplo 11:

C#12

É maravilhoso poder ler no jornal a análise que Guto Leite faz da música *Tua Cantiga*, de Chico Buarque [...]. [...], só tenho a agradecer pela publicação desse texto enriquecedor. A análise apresentada, de forma breve e acessível, para mim, uma fã incondicional de Chico Buarque, alimenta o deslumbramento com relação ao poder que o conhecimento da língua confere ao ser humano.

Exemplo 12:

C#9

Impressionante a cara de pau de Renan Calheiros. Já presenciei muitos atos de pessoas sem caráter, mas Renan superou todos. Só no Brasil mesmo, para ter personagens dessa estirpe, como o senador e o ex-presidente Lula, que aceitou dividir o palanque com Renan e seu filho. [...]

Na próxima e última seção, realizamos a conclusão deste trabalho e apresentamos as nossas considerações finais acerca da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, relatamos uma análise crítica do gênero textual Carta do Leitor, veiculado pelo jornal gaúcho *Zero Hora*, durante a segunda quinzena do mês de agosto deste ano de 2017. Optamos por esse gênero em específico, dentre os inúmeros existentes naquele veículo comunicativo, levando em consideração a sua relevância enquanto instrumento de intercâmbio de informações, ideias e opiniões entre pessoas de um determinado grupo social.

Inicialmente, revisamos as principais perspectivas teóricas acerca do gênero, apresentando os diferentes enfoques sobre o seu conceito e a sua funcionalidade. Discorremos, ainda, sobre alguns princípios metodológicos para realização de análise crítica. Em um segundo momento, descrevemos as características da Carta do Leitor, a partir das proposições de diferentes autores, considerando desde a sua origem no gênero carta até a evolução aos dias atuais.

Cumprida essa etapa, passamos à análise contextual, procurando caracterizar o jornal *Zero Hora* em seu contexto de produção e circulação. Para escolher esse veículo de comunicação especificamente, levamos em consideração a

sua relevância para os cenários estadual e nacional. Destaque esse que foi conquistado devido à sua constante busca por uma maior proximidade com a comunidade leitora, concretizada na presença em diversas redes sociais, por exemplo. Ainda nesse período, analisamos a seção Leitor do referido jornal, chegando à constatação de que era subdividida em três partes, sendo apenas uma delas relevante para o nosso estudo. Isso porque reunia maior número de características potenciais dentre as que descrevemos na seção referente ao gênero.

Nosso próximo passo foi a realização da análise textual-discursiva da seção “Sobre ZH”, a qual havíamos selecionado como a Carta do Leitor propriamente dita. Durante essa etapa, buscamos saber em que medida a Carta do Leitor possibilita a interação entre a comunidade leitora e o seu suporte de difusão, bem como dos integrantes desta entre si. Para isso, realizamos um mapeamento da estrutura composicional do gênero, com foco na organização retórica, verificando os movimentos e passos que constituem as Cartas, os quais são responsáveis pela materialização do seu propósito comunicativo. A descrição esquemática apontou para a existência de três movimentos retóricos: contextualização, opinião e fechamento, os quais eram constituídos por um ou dois passos cada. Exploramos, na fase subsequente do trabalho, os marcadores linguísticos mais recorrentes na consolidação desses movimentos e passos, verificando de que maneira as escolhas de linguagem e a estrutura composicional projetavam, nos textos, os interesses, as avaliações e o ponto de vista dos autores das Cartas acerca dos temas escolhidos.

Fundamentadas nas constatações a que chegamos, interpretamos a posição dos produtores dos textos, os quais, em geral, avaliam positivamente os componentes do jornal, sobretudo quando estes trazem conteúdo prazeroso para leitura. Todavia, quando o assunto das publicações apresenta teor desagradável, como os problemas sociais, a crítica e a reprovação são inevitáveis. Percebemos, ainda, que o leitor/autor da Carta demonstra apenas uma reação pessoal a determinado fato, não apresentando uma defesa de tese, com estratégias argumentativas complexas, como a inserção de uma voz de autoridade no texto, por exemplo. Ele simplesmente expõe a sua opinião e justifica o seu ponto de vista, recorrendo, em alguns casos, a exemplificações para melhor explicitá-lo. Entretanto, como não tivemos acesso aos originais, não podemos afirmar que esses argumentos nunca existiram. Nesse sentido, nos questionamos sobre a edição realizada pela Redação, que pode ter suprimido ou modificado trechos da Carta em

função do espaço pré-determinado/disponibilizado para o leitor se pronunciar no jornal. Essas manipulações dos textos podem ser executadas, também, em virtude das ideologias (políticas, econômicas, sociais, etc.) que o Grupo RBS, fundador do *Zero Hora*, pretende difundir.

Assim, podemos inferir, em certa medida, que a interação atende aos interesses do jornal, o qual, como mencionamos nas seções 2.2 e 4, seleciona os textos que recebe e se reserva o direito de publicá-los ou não, bem como de editá-los caso julgue necessário. A predominância de Cartas da região conhecida como Grande Porto Alegre pode ser um fato que corrobora essa triagem feita pela Redação; só da capital gaúcha, onde fica a Sede do *Zero Hora*, são 10 Cartas do *corpus* com o total de 17. Apesar disso, é evidente que o jornal *Zero Hora* tem uma boa aceitação por parte dos leitores, o que se confirma com a sua crescente popularidade nos últimos anos, conforme referimos na Seção 4.

Conseguimos concluir, com este trabalho, que o gênero textual Carta do Leitor cumpre a sua função social e o seu propósito comunicativo, intermediando a relação entre os leitores e o jornal que o difunde, bem como a interação daqueles entre si. Não colocamos, entretanto, um ponto final em nossa análise, pois temos ciência de algumas limitações que apresenta. Se houvesse maior disponibilidade de tempo poderíamos aprofundá-la, realizando, por exemplo, uma investigação mais densa do contexto do gênero, ou mesmo a coleta de um *corpus* mais expressivo. Uma possível ideia seria entrevistar a jornalista Ana Karina Giacomelli, que recebe os originais, os seus produtores (principalmente) e/ou os leitores do jornal. Dessa forma, seria possível termos uma visão mais ampla e realizar uma abordagem mais completa, especialmente acerca das interferências realizadas nos textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Organizadoras: Angela Paiva Dionisio e Judith Chambliss Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 19-46.

BEZERRA, M. A. Por que cartas do leitor na sala de aula? In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 208-216.

COSTA, S. G. Cartas de leitores: gênero discursivo porta-voz, porta voz de queixa, crítica e denúncia do jornal O Dia. **Soletras – Revista do Departamento de Letras da UERJ**, n. 10, p. 28-41, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/10/03.pdf>. Acesso em: 22 out 2017.

COSTA, F. B.; FUZER, C. Processo de ensino de produção textual no ensino básico: um relato de experiência. **Linguagens & Cidadania**, v. 14, p. 1-18, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/23797>. Acesso em: 10 out 2017.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MILLER, C. R. Gênero como ação social. In: MILLER, C. R. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Organizadoras: Angela Paiva Dionisio e Judith Chambliss Hoffnagel. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 21-44.

MILLER, C. R. Comunidade retórica: a base cultural dos gêneros. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (orgs.). **Gênero textual, agência e tecnologia**: estudos. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 43-55.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005, p. 179-202.

PAIVA, V. L. M. O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 68-90.

PASSOS, C. M. T. V. dos. As Cartas do Leitor nas revistas Nova Escola e Educação. In: DIONISIO, A. P.; BESERRA, N. da S. (orgs.). **Tecendo textos, construindo experiências**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 81-108.

PINTON, F. M. **Análise crítica de gênero de reportagens didáticas sobre o ensino de produção textual na revista Nova Escola (2006-2010)**. 2012. 195 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. **Research genres**: Explorations and applications. Cambridge: CUP, 2004.

ANEXO 1: CARTAS DOS LEITORES

C#1: 14/08/2017 – Luís Sérgio Mirapalheta Lucas (Microempresário – Porto Alegre)

Sobre os artigos que abordam o tema “Bandidolatria” (ZH, 12 e 13/08), acredito que, quando a defensora pública Tatiana Boeira fala “onde existe um governo nascido de um golpe parlamentar”, ela dá plena razão ao promotor José Eduardo Coelho Corsini quando este diz que “desde a produção de leis até algumas decisões de tribunais pátrios, somos reféns de ideologias políticas, de visões pessoais de mundo”.

C#2: 14/08/2017 – Maria Lurdes Derenji (Aposentada – Canoas)

Genial a crônica “Centopeia de espírito” (ZH, 12 e 13/08). É de ler dando risada. Carpinejar é fantástico. De sapatos até alfinetes, consegue escrever crônicas incríveis. Parabéns e todo o sucesso do mundo ao colunista.

C#3: 14/08/2017 – Lúcia Tostes Mottin (Dentista – Porto Alegre)

Emocionante o relato de Samara Medeiros e sua família especial no caderno Donna (ZH, 12 e 13/08). Uma história de muito amor. O que me chamou atenção foi a batalha para ser aceita como filha e a responsabilidade desse pai que não cedeu ao primeiro pedido. E, claro, a descoberta de uma vida muito boa, obtida através de estudo, dedicação, “muitas regras” e divisão de tarefas domésticas. A vida é construção, não vem pronta.

C#4: 14/08/2017 – Carol Majewski (Advogada – Porto Alegre)

L. F. Veríssimo é, sem dúvida, um grande intelectual que instiga o leitor a pensar. É o que aconteceu comigo ao ler a sua crônica “Desconexão” (ZH, 10/08). Lembra que notáveis artistas, prendados escritores e geniais revolucionários, apesar de suas mancadas, passaram a ser reverenciados pela humanidade em razão de suas obras e luzes. Tiveram seus pecados esquecidos e perdoados. Apesar da balbúrdia que a maioria dos nossos políticos criou no país, existem outros em bom número que, apesar de eventuais erros e senões, mereceriam ser condecorados e lembrados pela grandiosidade de suas obras e realizações. Não vou citar nomes porque posso esquecer de alguns.

C#5: 15/08/2017 – Paulo Aronna (Representante comercial – Capão da Canoa)

Sobre a reportagem do transporte estagnado (ZH, 12 e 13/08), acho que os governantes estão matando a galinha dos ovos de ouro e não se dão conta. O que gera milhões de empregos e impostos são os automóveis, mas pouquíssimos investimentos são feitos, como novos viadutos, estradas e ruas mais largas. A qualquer momento, acontecerá um blackout no país e não haverá mais consumo significativo de carros, aí quero ver onde os governantes irão buscar arrecadação de impostos. O país ficou muito dependente da venda de veículos. Em breve, quebraremos de vez.

C#6: 15/08/2017 – Heloisa dos Reis (Dona de casa – Porto Alegre)

Todos deveriam ler Mário Corso sempre. A coluna sobre os chatos é genial (ZH, 12 e 13/08). Mostra todo o seu conhecimento de consultório e a sensibilidade de um ser humano comum que consegue sentir as chatices de todos nós. Só uma pessoa com tanta sabedoria pode ver isso de maneira tão bonita e sem ofender os chatos. Seria bom se pudéssemos ver e ouvir as suas verdades todos os dias, como um grande divã em nossas casas.

C#7: 26 e 27/08/2017 – Assis Vieira (Jornalista – Montenegro)

“O Pampas visto de cima”, chamada de capa do jornal na qual a reportagem flagrou centenas de bichos abandonados à própria sorte (ZH, 25/08). Uma amostra inequívoca de que a estupidez humana não tem limites. Estou convicto de que o ser humano foi uma coisa que deu errado na criação. Como disse a atriz francesa, Brigitte Bardot: “O homem é um animal, mas nem os animais se comportam como ele”. Profundamente lamentável!

C#8: 26 e 27/08/2017 – Paulo Sérgio Arisi (Jornalista – Porto Alegre)

Parabenizo Fábio Schaffner pela reportagem “Lucros e escândalos na conta da casa da moeda” (ZH, 25/08). Em texto enxuto e objetivo, narra a saga de nossa outrora vetusta Casa da Moeda, transformada em casa de horrores por um bando de saqueadores do erário público. Moedeiros falsos se adonaram deste país, não pouparam nem a Casa de Valores Monetários. E os valores éticos também estão fora de circulação.

C#9: 26 e 27/08/2017 – José Airton Almeida Muñoz (Aposentado – Alegrete)

Impressionante a cara de pau de Renan Calheiros. Já presenciei muitos atos de pessoas sem caráter, mas Renan superou todos. Só no Brasil mesmo, para ter personagens dessa estirpe, como o senador e o ex-presidente Lula, que aceitou dividir o palanque com Renan e seu filho. O título da coluna da Rosane de Oliveira fala por si só: “Vale-tudo pelo poder” (ZH, 24/08). É vergonhoso.

C#10: 26 e 27/08/2017 – Jaime Pacheco Alves (Aposentado – Osório)

Stela Farias mais uma vez cobra do governador providências para recuperar os R\$45 bilhões em créditos da Lei Kandir (ZH, 24/08). Uma vez que o assunto não é novo, pergunto: por que o governo anterior não resolveu junto ao governo federal quando ambos eram de seu partido (PT)?

C#11: 28/08/2017 – Ângela Candelot (Empresária – Porto Alegre)

Impossível não aplaudir a beleza de crônica que David Coimbra nos brindou nesta Superedição (ZH, 26 e 27/08). É a mais tocante verdade sobre o legado que podemos deixar.

C#12: 28/08/2017 – Irene de Marco Ferreira (Professora – Rio Grande)

É maravilhoso poder ler no jornal a análise que Guto Leite faz da música *Tua Cantiga*, de Chico Buarque (ZH, 26 e 27/08). Como recentemente graduada em Letras Português/Inglês e atual estudante no curso de pós-graduação em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Rio Grande, só tenho a agradecer pela publicação desse texto enriquecedor. A análise apresentada, de forma breve e acessível, para mim, uma fã incondicional de Chico Buarque, alimenta o deslumbramento com relação ao poder que o conhecimento da língua confere ao ser humano.

C#13: 28/08/2017 – Luís Felipe Tavares (Engenheiro – Porto Alegre)

Sobre a crônica “O caráter que se revela na confissão” (ZH, 26 e 27/08), ouvi toda a minha vida uma frase do meu pai: “Amigo que é amigo chupa o nariz do outro”. E de outra pessoa: “Os verdadeiros amigos não são baluarte, são balaústres!”. Gosto muito de ler as “passagens” de Carpinejar.

C#14: 28/08/2017 – Paulo Roberto Chedid (Servidor Público Federal – Porto Alegre)

Se, por um lado, a matéria de Bruna Vargas é lição de jornalismo de excelência, por outro, comprovou o descaso, a ineficiência e absurdos praticados pela administração da prefeitura contra os contribuintes que pagam seus salários e estrutura para cuidar do bem comum (ZH, 23/08). As alternativas propostas pela EPTC ao nos defrontarmos com parquímetros fora de operação sugerem má-fé. Afirmam não ser “incomum” parquímetros situados em outros lugares, que não nas imediações da Redenção, estarem fora de operação. Como se isso justificasse algo. Além disso, recomendam que se fique procurando parquímetros até encontrar um que funcione, pressupondo que as pessoas têm tempo para caminhar por quarteirões.

C#15: 29/08/2017 – José Miguel Bittencourt (Técnico industrial – Viamão)

A coluna do escritor Luis Fernando Veríssimo retrata bem o estado caótico em que se encontram o Brasil e, por consequência, o nosso RS (ZH, 28/08). A manchete do jornal, sobre a CEEE, retrata o interesse de uns e outros, uma minoria, em acabar com a empresa que levou luz e energia a todos os recantos do Estado numa época em que nenhuma empresa privada faria isso. Hoje, Temer quer vender o Brasil, e Sartori, o RS, principalmente para os chineses. É como se vendêssemos uma parte do nosso terreno a um estranho e ele passasse a viver conosco. O governo do Estado quer se livrar da empresa como se ela fosse um incômodo porque, financeiramente, não irá render nada ao RS.

C#16: 30/08/2017 – Roberto Mastrangelo Coelho (Representante comercial – Porto Alegre)

O colunista Paulo Germano foi infeliz ao fazer julgamento sobre a placa que identifica uma propriedade particular (ZH, 29/08), pois estão usando esse pejorativo apenas para os que estacionam no local. As pessoas que vão ao banco só pensam na sua comodidade e estacionam de qualquer jeito, inclusive em cima da calçada, prejudicando os demais usuários. Como vizinho, já presenciei algumas situações de desconforto. O povo precisa se educar.

C#17: 30/08/2017 – Jórgia Carbonera (Advogada – Porto Alegre)

Quero elogiar o texto “O intelectual e o poder”, de Noili Demaman, publicado no caderno DOC do fim de semana. Achei muito pertinente acerca do momento político do país e da valorização de nossa produção artística.